

“HE TAKES MY MIND FROM BETTER THINGS”, OU UM CASO PARA SHERLOCK

geluccia Bernardes Habert
JC/RJ — Comunicação Social

“O mais desnorante dos fósseis semi-humanos é o conhecido como homem de Piltdown ou Eoanthropus Dawsoni. Foi encontrado na Inglaterra, em Sussex, e embora sua idade geológica esteja em debate, não é certamente posterior ao Pleistoceno médio. Alguns instrumentos de pedra, muito rústicos, foram encontrados na mesma jazida. A maior parte de um crânio e a metade de um maxilar compõem os despojos. Infelizmente os fragmentos do crânio não reúnem os dois lados da caixa craniana, o que levou a vivas disputas a respeito da capacidade cerebral. A estimativa mais provável calcula-se em 1240cc., bem dentro da variação entre os homens atuais. Ao mesmo tempo sua estrutura cerebral parece ter sido consideravelmente mais simples e mais semelhante à dos Simiidae que a de qualquer raça atual. Quanto ao exterior, o crânio é inteiramente humano. Mesmo as saliências ósseas sobre os olhos caem dentro das variações próprias do homem atual. Os traços fisionômicos surpreendentes nesta espécie são o maxilar e os dentes. O maxilar é muito semelhante ao de um chipanzé jovem e está tão em desarmonia com o crânio que os primeiros investigadores duvidaram que pertencessem um ao outro. Os dentes também são, em sua forma, intermediários entre o antropóide e o homem, e os caninos se projetam à maneira antropóide.

Parece tratar-se de uma forma que, pelo tamanho do cérebro e pelo desenvolvimento da parte superior da face, quase atinge o nível do homem atual, enquanto nos dentes e na parte inferior do rosto conservava grande número de características simiescas. Que essa desarmonia é impressionante, é o mínimo que se pode dizer. Quanto à posição evo-

lutiva desta espécie, é preciso esperar pela descoberta de novos espécimes. O maxilar, porém, é de um tipo nunca encontrado em qualquer lugar e apresenta o mesmo grau de fossilização que o crânio. As probabilidades de que os despojos únicos de uma espécie humana tenham sido encontradas associadas, são pequenas. Provavelmente, crânio e maxilar pertencem ao mesmo indivíduo” (1).

— “Você ouviu falar alguma coisa deste caso?, ele perguntou.

— Nem uma palavra. Já há alguns dias não tenho lido jornal.

— A imprensa londrina não deu uma descrição completa. Tenho lido todos os últimos jornais em busca dos detalhes. Pelo que consegui, parece ser destes simples casos que apresentam muitas dificuldades.

— Isto soa um pouco paradoxal.

— Mas é profundamente verdadeiro. A singularidade é geralmente uma pista. Quanto mais um crime é comum e sem características proeminentes, mais difícil se torna resolvê-lo” (2).

Para Sherlock Holmes, sentado em Baker Street, 221B, com o violino descansando negligentemente sobre os joelhos, este caso poderia ter sido alvo de brilhante dedução. Se o texto, realmente, tivesse sido publicado em um jornal londrino e após sua leitura, o estivesse comentando com Watson.

O texto de Ralph Linton acima reproduzido é construído com a mesma lógica demonstrativa das narrativas do Dr. Watson. Uma série de indicadores podem ser extraídos, já que a cada afirmação segue-se um espaço de dúvida. As contradições em torno do fato questionam sua organização e levantam dúvidas sobre o seu significado. O encontro destes elementos (os ossos), em desarmonia, seria resultado do acaso ou da premeditação humana? (3). “Você já me ouviu dizer que as coisas mais estranhas e singulares têm frequentemente relação não com os maiores crimes, mas com os menores, e, ocasionalmente onde há lugar para duvidar se houve crime ou não” (4), diria Sherlock.

A desarmonia entre as partes do crânio e o maxilar aproximados pelo mesmo grau de fossilização poderia ser incluído no mesmo modelo trabalhado em “The Cardboard Box”. O ilógico de dois elementos dessemelhantes, de ordens diferentes, estarem em relação de contigüidade dá lugar à construção de vários significados. Uma série de ex-

o ilógico dá lugar à construção de vários significados

plicações prováveis pode ser deduzida. Se um processo descrito como natural e objetivo — no caso o da fossilização — permite a união de elementos diferentes, pode-se concluir pela existência de algo novo, inclassificável. De outro modo, configura-se apenas uma falsificação” no sentido de premeditação, a ação do sujeito sobre as regularidades da natureza, portanto a intervenção da subjetividade.

De fato, os ossos de Piltdown, permitiram dúvidas pertinentes em relação à antropologia evolucionista, que só foram trabalhadas no âmbito da disciplina muitos anos depois. Balançaram os alicerces da disciplina, levantando objeções ao conhecimento teórico centrado na preocupação de construir, cientificamente, o processo da origem e evolução do homem, definido em termos de progresso. Na época, foi muito mais fácil aceitar com indignação o fato de serem os ossos uma fraude do que questionar todo o arcabouço teórico da disciplina.

Para Sherlock, o problema da falsificação de Piltdown teria sido um problema, de difícil decifração, ou teria sido um problema para três cachimbadas (“a three pipe problem”)? A história, a real, aquela das configurações complexas, caprichosas e imponderáveis, levou alguns anos para ter, ainda que parcialmente, a provável localização da autoria da montagem dos ossos de Piltdown. Sir Arthur Conan Doyle teria sido o autor (6). Os motivos não foram explicitados.

Pode-se levantar várias hipóteses sobre este fato. Teria sido uma brincadeira, “a practical joke”, literalmente, para testar o poder dedutivo das mentes disciplinadas? Ou resultou de um impulso de ironia, de uma destas mentes, ultrapassando o cotidiano prosaico? Próximo do que diz Sherlock: “Sei, meu caro Watson, que você compartilha meu interesse por tudo que é bizarro e fora das convenções e do burburinho do cotidiano (7).

De qualquer forma foi uma transgressão, uma negação da metodologia científica como definidora de uma verdade objetiva. Pois, partindo desta mesma metodologia, faz passar por objetivo e espontâneo o que é tão somente construído e subjetivo. Ainda nos dias atuais não se admite a construção deliberada desta prova científica a não ser como um fato criminoso, um desvio das normas sociais. Por isso mesmo as razões de Conan Doyle não foram discutidas, nem foi feita uma relação com sua obra mais proeminente, o detetive amador Sherlock Holmes. Mas de acordo com o próprio Sherlock, citando Flaubert “L homme c’est rien; l’oeuvre c’est tout” (8), o desconhecimento das inten-

ções do autor pode ser suplantado pela própria existência da obra. De forma intencional ou não, com a fraude se realiza ao mesmo tempo um distanciamento irônico e uma brecha na ideologia positivista determinante no seu tempo.

Mas postos os ossos de Piltdown em confronto com as narrativas de Sherlock não parece resultar uma contradição? Não são as aventuras e o próprio personagem a expressão pura da divulgação e legitimação da racionalidade técnico-científica? Ou será possível ler as aventuras de Sherlock Holmes de outra maneira?

FICÇÃO CIENTÍFICA?

As aventuras de Sherlock Holmes não somente desenvolvem uma linha já anunciada por Poe, de estórias de detetive racionalistas e dedutivas, seguida depois por Chesterton e Wallace, como podem ser consideradas uma obra de ficção científica. Se ficção científica não for entendida apenas como futurologia e profecia, e mesmo assim. A expressão ficção científica significa a fantasia trabalhada num modelo simbólico que capta a qualidade da experiência humana na ótica da dominação sobre a natureza e hierarquização social, e ao mesmo tempo justifica-a como objetiva e universal.

A passagem do séc. XIX para o séc. XX foi marcada por um grande desenvolvimento das forças produtivas, sem precedentes em épocas anteriores. Particularmente observase o desenvolvimento das disciplinas naturais e da física e o acúmulo das inovações tecnológicas, acarretando um sentimento de transposição para o novo e para o desconhecido. Os sentimentos de desorganização, de inesperado e de inexplicável surgem e dão lugar à necessidade de manipulação num sentido primeiro, de agir sobre, de construir novos artefatos (as invenções), como posteriormente, num sentido segundo, expressão de controle e harmonização desses sentimentos. Torna necessária a valorização da racionalidade técnica, a legitimação do funcionamento do sistema social por meio de decisões objetivas, adequadas e pragmáticas.⁵

Esta ideologia implica prever as inquietações e as desorganizações e também o controle delas através da construção da superioridade da razão técnico-científica, a mente disciplinada, e do conhecimento objetivo, em si justificado, sem levar em consideração as subjetividades. O exercício desta ideologia se faz no reforço da racionalidade técnica, nas representações das crenças, nas fantasias e nas in-

a ficção científica é objetiva e universal

uma brincadeira? ou um impulso de ironia?

interpretações do mundo, superando o “sistema crítico” e as subjetividades (9).

É significativo que o desenvolvimento da forma de escrita, ficção científica, tenha lugar no mesmo contexto em que emergem as disciplinas científicas. Muitos paralelos podem ser feitos entre a história das disciplinas científicas e das obras de ficção científica. No final do séc. XIX, os temas privilegiados por esta ficção têm algo a ver com a antropologia (a tentativa de explicar racionalmente a existência do homem) e física (a disciplina mais avançada). Muitos motivos de fascinação, no século passado, saíram das idéias da evolução do homem e das suas condições de vida pré-histórica, assim como das condições materiais de vida no futuro.

Conan Doyle, apesar de não ser incluído em nenhuma lista de escritores de ficção científica, escreveu sobre situações de cidades perdidas e de momentos da pré-história conservados na Amazônia, repercussão das considerações de Darwin, assim como escreveu sobre uma Atlântida redescoberta e em estágio mais avançado de civilização. Os motivos das viagens no tempo e dos universos paralelos permitiram, desde H. G. Wells aos escritores contemporâneos, trabalharem diferentes partes da linha do tempo. Conan Doyle também escreveu histórias semelhantes que são classificadas como de terror e de mistério, mas com a narração racionalista que justifica aqui sua inclusão. Os ossos de Piltown como produto da fantasia e as aventuras de Sherlock não resultam assim como fatos isolados.⁽¹⁰⁾

REALISMO POSITIVISTA

Pode-se falar das aventuras de Sherlock Holmes como expressão de uma racionalidade científica por dois motivos. 1º) A forma da narrativa é semelhante à de um artigo acadêmico, construída com referência a um repertório científico. 2º) Sherlock Holmes, o personagem, é trabalhado não só no texto literário, mas em todas as referências que lhe são feitas, como se se tratasse de uma pessoa real. Não é por acaso que, ainda hoje, perdura a ilusão de sua realidade e de sua contribuição científica. (11)

Conan Doyle criou um dos personagens mais vivos de toda a literatura. Um personagem que se destaca do texto literário e do contexto do séc. XIX e transita livremente no contexto do capitalismo monopolista.

Nas aventuras de Sherlock Holmes o que fica bem marcado são seus métodos de trabalho — o mesmo método

empírico-dedutivo das disciplinas positivas — e a sua personalidade definida a partir de traços distintivos. Recebe o mesmo tratamento dado às biografias das pessoas proeminentes nos meios massivos de comunicação. (12) Sabe-se que Sherlock usa um cachimbo curto, de cerâmica, quando está de humor introspectivo, e um cachimbo longo, de madeira, quando está interessado em discutir com Watson sobre seu trabalho. Da mesma forma, sabe-se o significado dele tocar violino ou sentar-se encolhido na poltrona.

Diferente de outros personagens da fase pré-monopolista, não representa virtudes morais. É descrito como uma máquina pensante. Seu perfil rico de detalhes não tem a dimensão interior. O seu humor, entretanto, é descrito como introspectivo, sua personalidade como excêntrica e peculiar. (13) O individualismo, como valor, ainda está ligado à existência do mercado concorrente — às questões dos direitos humanos, da legislação democrática, da cidadania, do colonialismo e da opinião pública. Em Sherlock, o individualismo não é uma oposição problemática à sociedade, ou ao que é dado como objetivo. Mesmo porque a sociedade é simplificada de forma que sua mente superior domine todas as relações. Na sua construção há resquícios de idéias românticas e aristocratismos, mas sua principal característica é a de ser uma mente disciplinada, lógica e competente, que recebe recompensa pecuniária por seu trabalho.

Segundo Goldmann e Lucáks, a biografia individual e o romance são as formas literárias do séc. XIX que estruturam a oposição da consciência subjetiva ante o mundo objetivo, ou a oposição da consciência individual em relação a outros valores e a outras sociedades, de maneira crítica e questionadora. O achado formal de Conan Doyle para trabalhar este personagem individualizado, personificado, mas não problemático, foi o de narrativas curtas nele centradas. Na literatura inglesa, certamente, esta foi a primeira vez do uso deste artifício. As reminiscências do Dr. Watson constroem a biografia de Holmes, aos poucos, com riqueza e exatidão de detalhes, sem nenhuma pretensão de resgatar debates interiores, mas fornecendo vários indicadores de uma psicologia comportamental. De uma aventura para outra, há um encadeamento de informações, elementos, indícios, que são colocados em comum com os de outras aventuras.

O efeito de verossimilhança aristotélica, de uma verdade possível dentro de uma estrutura, pode-se dizer, é transformado em efeito de fidedignidade. (14) O encadeamento

a verossimilhança aristotélica é transformada em fidedignidade

lógico e a utilização das variáveis tempo e espaço, semelhante ao de um relatório científico, fazem que em cada aventura esteja explicitada a localização dos acontecimentos e mesmo a relação do tempo diegético, particular a cada aventura, esteja entre si logicamente conectada.

Este procedimento de criar um personagem veraz, personificado e uma situação científica, ou pelo menos plausível dentro dos parâmetros científicos, tem origem nos primórdios do racionalismo burguês. Desde a formação da Royal Society, no séc. XVII, homens de letras e de ciência, afiliados, juntos, observavam, discutiam e registravam o mundo circundante com uma perspectiva científica. Depois passaram a simular situações científicas e a construir personagens que eram retomadas sempre como um experimento. Personagens que atribuíam propriedades e qualidades discutidas de forma lógica, simulando entrevistas, correspondências e depoimentos.

Aparentemente, as aventuras de Sherlock foram escritas de um jato, de encomenda e com pouca reflexão. Contudo, numa leitura mais acurada, não se consegue perceber nenhuma escapadela lógica. A primeira aventura, "A Study in Scarlet", foi publicada em 1887. Quando em 1891, Conan Doyle passou a publicar no Strand Magazine, no formato de histórias curtas, o tempo da narrativa ficou fixado em torno do final do séc. XIX. Convencionava, então, um tempo diegético contemporâneo, muito próximo do real e propunha para dedução assuntos muito comuns e possíveis de terem acontecido. Hoje, como os divulgadores culturais diriam, estava presente uma preocupação minimalista. De fato prevalecia uma idéia de veracidade, que provocava a suspensão da incredulidade por parte do leitor e permitia a construção da simulação como real.

IRONIA?

Para uma leitura denotativa, Conan Doyle parece ter escrito as aventuras de Sherlock Holmes como um exercício do racionalismo positivista. Porém há no seu texto uma grande dose de humor e ironia, expressão de uma mente lúdica que se indispõe contra a mente disciplinada do pesquisador positivista. Apresenta Holmes como uma mente superior, o modelo da mente disciplinada, ao mesmo tempo retira prazer em deixar os resultados de suas deduções não dependerem inteiramente da superioridade da sua análise e da sua síntese e resultarem da intercalação dos fatos

construídos na narrativa. Holmes não é sempre vitorioso em seu processo de solucionar as relações entre os fatos, ainda que assim seja apresentado. Conan Doyle o trata com ligeiro desdém, deixa a descoberto vaidade, fraquezas e desvios sociais de comportamento.

Holmes é a fantasia que a mente disciplinada despreza, é quase uma falsificação, um personagem que se faz passar por uma pessoa real, um raciocínio descrito como preciso e positivo, ajudado por truques e traços imponderáveis, harmonizados por uma narrativa lógica. Em certa ocasião, Sherlock, de costas para Watson, o interroga sobre suas ações: — "Como você sabe o que estou fazendo? Parece-me que você tem os olhos na nuca! — O que tenho mesmo é um bule de prata bem polido em frente a mim", responde Sherlock. (15) Ou então, em outra aventura, Watson comenta: — "Salvo o uso ocasional de cocaína, ele não tem vícios, e mesmo só se voltou para a droga como protesto contra a monotonia da existência e quando os casos são raros e os jornais desinteressantes." (16) Pode-se entender que a superioridade da razão o libera das regras sociais comuns, mas dentro de uma ótica objetiva é um paradoxo. Ou seria o conceito de vício diferente no período vitoriano? Em relação à cocaína certamente seria, já que nas traduções brasileiras, publicadas pela Melhoramentos na década de 50, as frases referentes ao uso dessa droga são omitidas.

A narrativa realizada com lógica demonstrativa é reminiscência, e o personagem narrador narra com acuidade o que o leitor deve saber, dosando o conhecimento e construindo a linha dramática. A objetividade da linguagem é reforçada pelo uso do discurso direto, pois a ação da narrativa é passada através dos diálogos. As falas dos personagens não trazem à narrativa necessariamente os pontos de vista dos personagens; são desdobramentos ou probabilidades que circundam o fato. Apesar de o Dr. Watson ser definido como racional e pouco emotivo, por ser médico e soldado, é excessivamente ingênuo e admirador da capacidade de Holmes. Através desta ingenuidade, o escritor, Conan Doyle, interfere no processo de significação. A sua consciência ultrapassa a consciência dos seus personagens.

Escritor habilidoso, trabalha períodos curtos e jogos sutis com os níveis de significado das palavras, pequenos paradoxos, usando um expediente semelhante ao estilo de Thackeray, a aproximação de contrários para permitir um terceiro significado. "Francamente, Watson, você se superou — observou Holmes afastando sua cadeira e acenden-

*a consciência de
Conan Doyle
ultrapassa a
consciência dos
seus
personagens*

do um cigarro. Sou obrigado a dizer que, em todas as descrições dos meus dotes, que você teve a gentileza de fazer, em geral, foi excessivamente modesto a seu respeito. Pode ser que você não seja luminoso, mas é um condutor de luz” (17). Logo em seguida acrescenta que a maioria das conclusões de Watson foi errônea e apenas proporcionou o estabelecimento das suas deduções corretas. E Watson relata tudo isto como um elogio.

Quase sempre existem indicadores na narrativa que permitem ao leitor avançar na ação e conhecer mais do que é deixado entrever por Watson. Deste modo deriva um sentimento de lhe ser superior.

OS INDICADORES

Contemporâneo do advento do cinema e da fotografia, a narrativa de Conan Doyle (18) se limita à lógica das ações externas. Existe em sua narrativa um processo similar à “salvação da realidade física”, descrita na estética de Bazin e Siegfried Kracauer; à “aproximação das coisas” de Walter Benjamin; e à da “reciprocidade de ação entre a matéria e o homem” de Pudovkin.

Nas aventuras de Sherlock Holmes, a partir de cortes na realidade, os elementos materiais, os objetos e detalhes são destacados, fazendo-os visíveis e portadores de significados, de maneira semelhante à percepção produzida pelos novos meios de reprodução técnica.

O jogo de dedução, realizado por Holmes, é essencialmente a operacionalização de indicadores, os mesmos traços materiais e detalhes que permitem a inferência de significação. Quase sempre lança mão de indicadores de vestuário, de maneira de falar, de escrever, trabalhando linguagens facilmente reconhecidas como tais pelo bom senso, por terem um caráter cultural fortemente marcado como definidor dos grupos e das distâncias sociais. Trabalha, por outro lado, com inúmeras outras linguagens, usando indicadores menos espontâneos, mais construídos. São os indicadores de caráter mais singular e arbitrário, difíceis de um deslocamento para um significado em comum com todos os leitores. Por isso permitem maior elaboração das deduções. Neste caso estão incluídas partes separadas do corpo humano, projeções de sombras, espaços geográficos, manchas, sons e fumaças. Sem falar em indicadores mais extraordinários, insólitos, aqueles procedentes da extensão do império colonial. São os animais estranhos, os venenos desconhecidos e as tatuagens. É o recurso do exotismo presen-

te na narrativa. São objetos, animais e traços de uma parte não completamente integrada ao mundo estabelecido. São presenças da desorganização e da irracionalidade que afetam o mundo da objetividade e da racionalidade técnica. Quase sempre, a mente de Holmes elucida os seus significados de forma que são interpretados e domesticados. Em todo o caso, é sempre o vislumbrar de forças não controladas e desconhecidas. É como se levantasse a ponta do reposteiro e se deixasse olhar a complexidade do mundo de relance.

A relação do indicador com o significado que representa se realiza em termos de probabilidade e não de certeza. Os indicadores permitem a seleção de significados que são prefigurados em classes. Numa estrutura aberta, na complexidade da vida, como se expressa Holmes, seria realmente assim. Na estrutura convencional, fechada, artística, todas as relações se fazem como necessárias. As probabilidades são relativas e às vezes, mesmo forçadas por truques ou seleção intencional do escritor — o narrador primeiro. Desta forma a redução à lógica das ações externas que implica a negação do sujeito do conhecimento, ou da presença de uma intencionalidade, resulta da ação de uma única mente, de um único ponto de vista — a presença do escritor.

SUCESO DE HOLMES

O sucesso de Sherlock foi grande. Duplicou a tiragem do Strand Magazine. Não se pode dizer que tenha sido o primeiro sucesso literário de massa. Há precedentes em Dickens, na Inglaterra, Dumas e Sue na França. Mas a amplitude do sucesso tem já características do mercado do séc. XX. Sherlock Holmes, tomado como pessoa viva, levou o público a buscar detalhes sobre ele, iniciando uma correspondência e forçando Conan Doyle a falar por seu personagem. O que acreditava estar fazendo de forma temporária e sem grande repercussão para seu destino como escritor era um engano. O personagem cresce e enfrenta seu criador. Após a publicação das seis primeiras histórias no Strand Magazine escreveu para sua mãe: “Penso em matar Holmes e livrar-me dele para sempre. Ele retira minha atenção de coisas melhores”. (19)

Resolvido a destruir Holmes, Doyle substitui a dualidade base da estrutura das aventuras: a mente disciplinada versus os problemas que lhe são propostos (uma vertente edipiana, “decifra-me ou te devorarei”), por um paralelo entre uma mente superior dedicada à solução do crime e

a
desorganização
e a
irracionalidade
afetam o
mundo da
objetividade

os elementos
materiais são
portadores de
significado

outra mente, também superior, dedicada ao crime. Surge a figura do Professor Moriarty, um supervilão que pretende fragilizar Holmes. "Meu horror em relação aos seus crimes se perde na minha admiração de sua capacidade", declara Holmes sobre o vilão. (20)

Com esta transformação, Conan Doyle permite planejar a morte de Sherlock e fazê-la aceita pelos leitores. O expediente resulta ineficaz, apesar da polarização entre as duas mentes, a figura de Moriarty não é suficientemente viva para se destacar do texto literário. Só uma mente mais poderosa trava uma luta com a de Sherlock, a mente do seu criador. O embate criador/criatura (embate da subjetividade com a objetividade) é o único realmente travado.

Em 1893, Doyle encontra a maneira de fazê-lo desaparecer em "The Final Problem". Porém em 1901, a pressão dos leitores e do Strand Magazine leva-o a publicar "The Hound of the Baskervilles", uma reminiscência e não a ressuscitação. O sucesso é estrondoso na Inglaterra, nos Estados Unidos e no mundo colonial. Conan Doyle é obrigado a recuar.

Em entrevista no Harper's Weekly de 31 de agosto de 1901, admite: "Sei que meu amigo Dr. Watson é um homem da mais alta confiança, dei por isso o maior crédito ao horrível acontecimento na Suíça. Naturalmente deve ter cometido um engano. Não deve ter sido Mr. Holmes quem caiu no precipício, talvez todo caso não tenha sido senão resultado de uma alucinação". (21)

Finalmente, em 1903, em "The Adventure of the Empty House", lançando mão de um efeito cômico e dramático, capitula e faz Holmes aparecer vivo depois de ter ficado morto três anos. (22) Ainda hoje Conan Doyle, um escritor de produção tão numerosa e diversificada e ele mesmo, um personagem único na extensão do seu conhecimento e sagacidade, não conseguiu se livrar de Holmes. Perdura a idéia de ter sido apenas o seu criador, cujo sucesso e aceitação derivam do caráter racional, integrado e positivo, enquanto não passa de uma brincadeira, uma outra transgressão da mente irônica.

Paradoxal, meu caro...

NOTAS

1) LINTON, R. O Homem: Uma introdução à Antropologia, São Paulo, Martins, 1943. O texto original é de 1936, quando já existe controvérsia nos meios acadêmicos, mas ainda não fora estabelecida uma definitiva acusação de fraude sobre os ossos de Piltown.

2) Doyle, A.C. "The Boscombe Valley Mystery", in The Complete Sherlock Holmes Treasury, New York, Avon Books, 1976. Edição fac-símile dos originais publicados no Strand Magazine, 1901-1905.

3) Os achados de Sussex datam de 1912 e suscitaram forte discussão sobre sua autenticidade.

4) Doyle, "The Red-Headed League". in op. cit.

5) Doyle, in op. cit. Nesta aventura, Miss Susan Cushing recebe uma caixa de papelão, endereçada à Miss S. Cushing, cheirando a café e atada com um nó de marinheiro, contendo duas orelhas condicionadas com sal grosso. Depois de examinadas, "minuciosamente", Sherlock conclui que as orelhas não são um par, foram separadas dos corpos humanos com instrumento não usado na área médica e não estão preservados com produtos químicos. Portanto elimina uma explicação ao fato ligado à brincadeira de jovens estudantes de medicina, antes locatários incomodativos da referida senhora. Suscita, então, uma outra explicação mais provável: um crime "horroroso" fora cometido. Depois, observando a forma anatômica da orelha da Miss Susan Cushing, encontra semelhanças familiares com uma das orelhas, e observando uma foto desta ao lado de duas irmãs fica sabendo que uma solteira se chama Sarah e a outra casada com um marinheiro, se chama Mary. Daí chega à explicação conclusiva sobre o fato.

6) Segundo a revista Time, Agosto 15, 1983, o acadêmico norte-americano, John Hathaway Winslow apontou Conan Doyle como o autor da falsificação em um artigo da Science, 1983.

Sir Arthur Conan Doyle, nasceu em Edimburgo, Escócia, a 22 de maio de 1859 e morreu em Cowborough, Condado de Sussex, a 7 de julho de 1930.

7) Doyle, "The Red-Headed League", in op. cit.

8) Doyle, "The Red-Headed League", in op. cit.

9) Comte previu que a superação das crises na sociedade burguesa dependeria de se conseguir neutralizar a influência do "sistema crítico" na consciência das massas. O capitalismo monopolista consegue plenamente este intento. Ver a obra da Teoria Crítica, particularmente o conceito da "sociedade unidimensional" em Marcuse, o conceito de indústria cultural e sua substituição por "indústria da consciência" para preservar o caráter negativo, crítico.

10) A biografia de Conan Doyle é um misto de Dr. Watson, médico, aristocrata com experiência colonial, e ao mesmo tempo de Holmes pelo domínio de um saber semelhante. Foi estudante de heráldica, de genealogia e de história, além de somar conhecimentos menos comuns a um aristocrata do séc. XIX. A ele são atribuídos tantos estudos específicos, quanto numerosas são as monografias de Holmes. Parece que inventou o salva-vidas, o capacete de aço e como tirar impressões digitais com gipsita. Vigoroso esportista, pugilista, jogador de críquete, de futebol, esquiador e campeão de bilhar, auxiliou muitas vezes a polícia a solucionar casos criminais.

- 11) *O Journal Of Chemical Education*, publicação norte-americana, já trouxe várias vezes artigos que versam sobre a química de Holmes.
- 12) Referência ao artigo de Lowenthal. L. "Biographies in Popular Magazine", in *American Social Pattern*, Doubleday Anchor Books, N. Y., 1956.
- 13) O estereótipo do inglês excêntrico está ligado à justificativa do colonialismo. O inglês foi sempre o que tomava chá às 5, em qualquer região tórrida do seu império e lia o *Times* atrasado com indignação.
- 14) Holmes foi reconhecido como uma pessoa existente, recebia correspondência solicitando aconselhamento em casos semelhantes aos ficcionados. Conan Doyle respondia, segundo entrevista de sua filha, 29 de dezembro de 1987, na BBC, assumindo o papel de Holmes. A teatralização e o disfarce são elementos fundamentais nas suas narrativas.
- 15) Doyle, "The Hound of the Baskervilles", in *op. cit.*
- 16) Doyle, "The Adventure of the Yellow Face", in *op. cit.*
- 17) Doyle, "The Hound of Baskervilles", in *op. cit.*
- 18) Conan Doyle exercia a fotografia como "hobby". Há uns dois anos a TV Globo, no programa *Fantástico*, exibiu fotos suas de aparições de espíritos, que poderiam ser resultados de truques fotográficos.
- 19) "Notas introdutórias", in *The Complete Sherlock Holmes Treasury. op. cit.*
- 20) Doyle, "The Final Problem", in *op. cit.*
- 21) "Notas introdutórias", in *The Complete Sherlock Holmes Treasury, op. cit.*
- 22) O artifício dramático atenua a "licença lógica" que constitui o retorno de Sherlock Holmes.